

Combustão bolsonarista deixa um vácuo

Rio se transformou no laboratório das dificuldades deste governo em ocupar os espaços abertos pela crise do bolsonarismo

Por

Maria Cristina Fernandes

Valor, 21/03/2024

*O **Rio** se transformou no laboratório das dificuldades deste governo em ocupar os espaços abertos pela combustão do **bolsonarismo**. Da **crise na saúde** ao cerco sobre a **milícia**, a semana foi pródiga em exemplos. O [indiciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro](#) pela suspeita de fraude no programa nacional de imunizações deveria evidenciar o contraste com uma gestão de devotos do **SUS**. Só que não.*

Na sexta passada, a ministra **Nísia Trindade** publicou uma portaria criando um comitê gestor dos hospitais federais do Rio. Estava, na prática, criando uma instância acima do departamento que passou a centralizar as compras das unidades hospitalares, fatura que chega a **R\$ 1 bilhão** por ano. Determinada por uma portaria assinada em 23 de fevereiro e publicada cinco dias depois, a centralização retomava uma prática de governos anteriores do PT, descontinuada nas gestões **Temer** e **Bolsonaro**, quando os hospitais federais passaram para a algibeira do senador **Flávio Bolsonaro** (PL-RJ). Mas não apenas.

No dia seguinte à assinatura desta portaria, o deputado federal e vice-presidente do PT, **Washington Quaquá**, pediu a demissão de Nísia Trindade, a quem chamou de “inoperante”. Quaquá parece preferir o antecessor, o deputado federal **Eduardo Pazuello** (PL-RJ). No início deste governo, a dupla apareceu abraçada nas redes sociais do dirigente petista. Ambos têm indicados nos hospitais federais do Rio.

No domingo, o “Fantástico”, da **TV Globo**, publicou uma reportagem sobre o caos crônico desses hospitais. As imagens com a presença de uma consultora que visitou o **hospital de Bonsucesso**, zona norte do Rio, antes de formalizada sua contratação emergencial pelo comitê gestor, derrubaram seu coordenador. **Helvécio Magalhães**, que também acumulava a Secretaria de Assistência Especializada à Saúde, a maior do ministério, já tinha uma passagem pela pasta na gestão **Alexandre Padilha**.

Na véspera, o ex-presidente ficou longe de repetir o evento de fevereiro na avenida Paulista. Escolheu a quadra da **Mocidade Independente de Padre Miguel** para lançar **Alexandre**

Ramagem à Prefeitura do Rio. Apesar de a quadra ser vizinha à Vila Militar, sua base eleitoral, Bolsonaro só conseguiu encher um terço do espaço. A “**família militar**” ainda parecia impactada com o divórcio de seus ex-comandantes do golpismo bolsonarista. Não havia dúvida, portanto, que a notícia do fim de semana era o caos nos hospitais.

Foi sob seu impacto que se deu a reunião ministerial. A cobrança sobre Nísia levou-a a demitir tanto Magalhães quanto o diretor do departamento responsável imediato pela centralização das compras, **Alexandre Telles**, um professor da UFRJ que também foi dirigente do sindicato dos médicos do Rio. Também adiou a vigência do decreto para 8 de abril, para melhor negociá-lo com os diretores desses hospitais, que têm, na gerência de compras, seus cargos mais disputados.

O foco na ministra da Saúde deixou passar despercebido o novo núcleo de poder que a reunião pareceu evidenciar com o ministro da Articulação, **Alexandre Padilha**, **Jorge Messias** (AGU) e, no vértice, **Fernando Haddad** (Fazenda). Maior aliado de Nísia na Esplanada, Padilha sustentou a artilharia redobrada do Centrão e do PT sobre a ministra. A pressão não se resume às compras hospitalares. O apetite vai além da execução das emendas. Chega aos recursos da administração direta da pasta vigiados pelas instâncias tripartites há muito enraizadas na gestão da saúde pública.

Os problemas da Saúde não se limitam às pressões sobre Nísia. Mesmo seus defensores atestam a demora da ministra em reagir às crises que acabaram se avolumando na pasta, dos hospitais federais à **dengue**, passando pela mortandade dos **Yanomamis**. Ainda titubeia, por exemplo, na decretação de emergência nacional de dengue, a despeito do parecer favorável de seus secretários. Só agora, passado mais de um ano da posse, Nísia saiu em busca dos conselhos de antecessores.

Só agora, também, surge numa solução de mais longo prazo para as contratações. Como a criação de uma fundação depende de lei, avança a ideia de colocar os hospitais sob a gestão da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, que administra 40 hospitais universitários, com contratações via CLT. As resistências sindicais são gigantescas.

E só agora, também, Nísia parece ter sido capaz de dobrar o médico, professor de administração hospitalar da FGV-SP e ex-secretário de saúde de Curitiba, **Adriano Massuda**, para que ele assuma a secretaria que tem os hospitais federais no seu portfólio. É um nome capaz de dar ao ministério a agilidade que lhe tem faltado.

Herança do Rio capital federal, os hospitais são uma anomalia na estrutura do **SUS**, que repassou sua gestão a Estados e municípios. Já se tentou passá-los tanto para uma instância quanto para a outra, mas as unidades acabaram sendo devolvidas ao governo federal.

A [homologação da delação](#) do ex-PM **Ronnie Lessa** pode ser um golpe no conluio entre **Polícia Militar** e milícias, que forrou a cama para a ascensão de Bolsonaro a partir do Rio. O

atendimento às insatisfações onde germina a oposição vai além. Esbarra em dois problemas que sobrevivem no partido do presidente, o corporativismo de servidores e a ânsia por uma boquinha na administração pública. Sem superar ambos, não vai desalojar o bolsonarismo de seu berço político.

Maria Cristina Fernandes é jornalista do Valor. Escreve às quintas-feiras
E-mail: mcristina.fernandes@valor.com.br